



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

## **Arte como mercadoria: crítica materialista desde Benjamin**

Francisco Alambert<sup>1</sup>

### **Resumen:**

A comunicação propõe discutir a idéia de que entre Walter Benjamin e Siegfried Kracauer formulou-se uma chave dialética” capaz de traçar uma linha direta, que não exclui as diferenças, mas antes estabelece diálogos em continuidade e desdobramentos, que fundamenta o melhor da crítica materialista da cultura: uma linha que começa pela configuração materialista da fenomenologia dos objetos e hábitos cotidianos, e chega à uma figuração da cultura contemporânea, na qual o capital transfigura a própria cultura burguesa hegemônica. Ou seja, a própria história da cultura do século XX e das maneiras de descobrir suas manifestações e ligações mais insuspeitas. Desse modo, serão estudadas as continuidades e semelhanças entre Benjamin e Kracauer e autores como Meyer Schapiro, Fredric Jameson, Guy Debord.

---

<sup>1</sup> Professor de História Social da Arte e História Contemporânea da Universidade de São Paulo (USP).



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

## Arte como mercadoria: crítica materialista desde Benjamin

Na antiguidade a arte ensinava, através de sua função mimética, a compreender o que significava o "ideal", o "real" ou "racional" (em Platão), ou, através de suas funções poéticas, a se chegar a sentimentos catárticos (Aristóteles). Em geral, o sentido do romano do termo *ars* designava não apenas a produção consciente de obras e formas que objetivavam concretizar o "ideal" de harmonia e beleza, mas também se referia a tudo o que dizia respeito às capacidades de criação humanas. Mercadoria, por sua vez, deriva do latim *mercatus* (referente a tudo o que se comercializa). Por volta do século XIII e XIV (no início do capitalismo) passou a designar todo e qualquer gênero de produto passível de ser comprado ou vendido com lucro (mesmo aqueles que não eram criados para esse fim).

A arte como mercadoria é parte das relações econômicas e sociais da modernidade capitalista que se constituíram ao individualizar o sujeito produtivo e o sujeito que lucra ao explorar o sujeito que produz, colocando a produção de mercadorias no centro deste sistema. Não é por outro motivo que os historiadores da arte sempre lembram que o "artista" surgiu quando, no Renascimento, os quadros começaram a ser assinados, a ter "autor" ou "autoria", que, como ensina Raymond Williams, deriva de "autoridade". Neste momento, o artista passou a ser o autor de sua produção, mesmo que ela fosse encomendada por um *Committente* (aquele que encomenda uma obra) ou adquirida por um *Mecenas* (aquele que compra a obra), ou seja, por um "capitalista" que podia ter o dinheiro mas não a "autoria". Ainda assim, para o mecenato dos Médicis, em Florença, a atividade teve o papel de ratificar sua autoridade política que de fato ainda não existia.

A arte moderna, desde o Renascimento, assume a missão de estar diante de um modelo e imitar diretamente a realidade, através daquilo que Panofsky chamou de "semelhança com a natureza" e no qual Walter Benjamin viu uma parte daquilo que ele denominou "doutrina das semelhanças". Mas, posteriormente, no capitalismo industrial ou no capitalismo tardio, a "realidade", a natureza das coisas, é cada vez mais semelhante às coisas entendidas como mercadoria. Benjamin, em seu célebre ensaio "A obra de arte na época de sua



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

reprodutibilidade técnica" notou, seguindo Marx, que o antigo "valor de culto" (o equivalente do "valor de uso" de Marx) da obra de arte foi substituído, com o avanço da técnica moderna, pelo "valor de exposição". Pouco antes, de maneira alegórica e propositalmente obscura, o filósofo alemão observava, em seu ensaio "A doutrina das semelhanças", que os sujeitos "dos nossos dias", ou seja, da época do capitalismo industrial, percebem cotidianamente "uma pequena fração dos inúmeros casos em que a semelhança os determina, sem que eles tenham disso consciência".

Com a criação da fotografia pela primeira vez na história a arte é liberada do uso da mão. A partir da mudança na estrutura física da arte surge um novo problema de autenticidade e novas relações de propriedade. Do mesmo modo que no mundo da mercadoria, no mundo da arte aquilo que pode ser mais exposto e reproduzido adquire um sobrevalor, que independe da tradição. A obra de arte é "desvalorizada" ao perder seu "aqui e agora" e a segurança de sua "capacidade mimética". A "Aura" da arte (seu caráter de presença e de unicidade) desaparece e sua semelhança com a mercadoria reproduzível é completada. Sem Aura, tudo pode ser "possuído" e massificado (ou seja, as coisas passam a ser sempre semelhantes a si mesmas), inclusive a política pode ser ritualizada. Do mesmo modo que o ator no cinema seria um "tipo ideal", vazio de subjetividade, o político da era da mídia também age assim perante a massa.

Como disse Adorno, as forças produtivas na obra de arte são idênticas à das forças sociais. A arte obedece de uma maneira "imaneente" às leis sociais. Quando ela se torna mercadoria, no sentido moderno, ela reduz a subjetividade à função de mero objeto. Voltando a Benjamin, trata-se do momento em que a semelhança determina plenamente os sujeitos "sem que eles tenham disso consciência".

Na sociedade contemporânea, a arte (autônoma e sem "Aura") deixou de ser apenas uma mercadoria tradicional, de compra e venda, e se tornou ela mesma uma força produtiva para a reprodução do capital – tecnicamente administrada para este fim. É esta intenção administrada que Adorno e Horkheimer chamaram de "Indústria Cultural". Agora não se trata mais, como na época inicial do capitalismo, de se produzir obras artísticas para depois transformá-las em mercadoria: trata-se de pensar *desde o início* aquilo que seria "arte" como uma mercadoria. Se no início do capitalismo a arte-mercadoria era obra de um sujeito patrocinado por um



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

mecenas, na era da Indústria Cultural e do capitalismo total, o novo mecenato *instrui e organiza* a arte para promover a si mesmo e seus outros produtos. Isto transformaria até mesmo a antiga função mimética da arte (a idéia de que ela "imita", elabora ou reproduz a "realidade"). Adorno explicou em *Minima Moralia*, retomando as intuições benjaminianas contidas na "Doutrina das semelhanças", que "a indústria cultural modela-se pela regressão mimética, pela manipulação dos impulsos de imitação recalcados. Para isso ela se serve do método de antecipar a imitação dela mesma pelo expectador e de fazer aparecer como já subsistente o assentimento que ela pretende suscitar".

Se o fazer artístico se definia, segundo a estética idealista, pela ausência de uma determinação objetiva (o que embasava a idéia da arte como um território de liberdade), na era da arte-mercadoria-industrial, todo um sistema (que inclui a publicidade, a crítica, as pesquisas sociológicas de mercado, os meios de comunicação de massa, etc) forma e conforma o "objeto" (a obra) e o "sujeito" (o artista) às finalidades funcionais do mercado, do lucro rápido e constante e da existência efêmera (o caráter daquilo que deve desaparecer logo para que outra mercadoria entre em seu lugar sem emperrar a cadeia de investimentos e lucratividade).

A arte como mercadoria e produto da Indústria Cultural seria o último estágio do domínio da forma-mercadoria. O pensador e ativista francês Guy Debord denominou esse novo momento de *Sociedade do Espetáculo*, um novo complexo social em que se "domina os homens vivos quando a economia já os dominou totalmente. Ele nada mais é do que a economia desenvolvendo-se por si mesma". E aqui reside o segredo da doutrina das semelhanças na cultura do capitalismo tardio.

Nesse sentido concordando com Benjamin e Adorno, Debord nota que a forma-mercadoria se sobrepõe à idéia da arte como um valor em si, transformando integralmente a cultura em mercadoria – na verdade, a "mercadoria vedete da sociedade espetacular" –, o que fará com que, no mundo contemporâneo, ela assuma "o papel motor do desenvolvimento da economia, equivalente ao do automóvel na primeira metade e ao das ferrovias na segunda metade do século XIX". Mais recentemente, o crítico cultural marxista norte-americano Fredric Jameson definiu os tempos "pós-modernos" como uma lógica eminentemente "cultural", na qual economia e cultura não se diferenciam



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

Arte como mercadoria, quer dizer, seu jogo de semelhanças, é portanto um conceito chave para se entender a cultura contemporânea, ou do capitalismo tardio, como se queira. Aprofundar a discutir o conceito de modo a aplicá-lo ao conhecimento crítico da contemporaneidade é uma tarefa para a qual só o historiador ou crítico materialista da cultura, no sentido compreendido desde Benjamin ou Kracauer, está capacitado. Na verdade, é sua tarefa principal.

Todo e qualquer fenômeno da cultura burguesa hegemônica, mesmo o mais “superficial”, é artifício e é documento. E aqui, a compreensão de Walter Benjamin é decisiva. Segundo ele, o artifício burguês se dá através de sua “vida de sonho” durante seu prolongado sono no universo da mercadoria (tema, como se sabe, de seus estudos sobre as “passagens” parisienses). Mas antes de Benjamin, essa intuição crítica já estava plenamente formulada em Siegfried Kracauer, resumida em uma conhecida máxima escrita em seu ensaio de 1927, “O ornamento da massa”: “o conteúdo fundamental de uma época e os seus impulsos desprezados se iluminam reciprocamente”. Estava dada a chave dialética, com um acento freudiano, que moveria o melhor da crítica cultural materialista do século XX.

Em resumo: pensando dessa maneira, conceitos como “pós-modernismo”, “Sociedade Pós-Industrial”, “indeterminação”, “vacância de significados” e outros de mesmo tipo, de fato deixam de ter sentido explicativo (ou no mínimo precisam ser seriamente repensados): apresentam-se apenas como sintomas (reais) da exacerbação das condições que a crítica (ou a “paixão”) de Kracauer “desmascarou”, para usar a imagem engajada composta por Benjamin. Pensando com esses autores, vemos que tanto seu método quanto seus objetos, encontram-se vivos e funcionando dentro da ordem sócio-cultural contemporânea.

De fato, as transformações do capitalismo e de sua cultura, pelo menos desde a segunda metade do século XX, deram sobrevida e renovada atualidade à crítica materialista do cotidiano e das formas expressivas da cultura. As manifestações da cultura burguesa hegemônica, transformada pelo efeito da maquinização das relações sociais (e de sua crise), não apenas permanecem como se configuram agora ainda mais hegemônicas e totais que antes – ainda que a impressão de fragmentação exista e persista (e por isso mesmo). A cultura burguesa mudou desde o século XIX, e sua configuração da intimidade (assim como seu



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

“impulso mimético”) deslocou-se para a esfera da massificação de tal maneira, que apenas o raciocínio dialético pode encontrar os fios que unem os fenômenos e lhes dão sentido, compreensão, racionalidade e, talvez, orientem sua transformação.

## Bibliografia

ADORNO, T. W. *Minima Moralia*. São Paulo: Ática, 1989.

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. “A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas”, in *Dialética do Esclarecimento*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BENJAMIN, Walter: *Obras Escolhidas, v.1, 2 e 3*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HOBBSAWM, E. “O mundo burguês”. In *A era do Capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

JAMESON, F. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 2002.

KRACAUER, S. *O ornamento da massa*. São Paulo: Cosac&Naif, 2009.

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave – um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.